

## Mulheres em Dança: encontros e escutas

\*Por Liana Gesteira

A escrita deste ensaio tem como desejo falar de temas que atravessam os corpos, o cotidiano, as subjetividades e existências das mulheres, e que recorrentemente são ignorados pelas histórias oficiais, confinados na casa, vistos como assuntos pessoais das mulheres, tratados como propriedade privada por uma sociedade patriarcal. E assim, trazer a reflexão do potencial que as artes da cena têm como meio de expressão, como 'políticas de corpo', provocando alguns encontros com registros históricos de trabalhos artísticos mapeados pelo Acervo RecorDança.

O cuidado exclusivo com os filhos; o trabalho doméstico; os assédios e a objetificação do corpo; a desvalorização profissional, são alguns dos vários temas que afetam a condição de vida das mulheres em várias sociedades. Apesar de serem tratadas como assuntos da vida privada, estas questões estão conectadas com a história social brasileira (e de muitas outras nações ocidentais e colonizadas), em seu caráter público, pois se trata da desvalorização dos papéis e dos trabalhos que as mulheres exercem em nossa sociedade. Não são questões personalizadas, e sim sócio-políticas culturais contextuais.

A intelectual militante de tradição feminista marxista Silvie Federici, em seu livro *O Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e a acumulação primitiva*, traz um estudo histórico sobre como o trabalho doméstico das mulheres, remunerado e não remunerado, também foi base da formação do capitalismo, a partir de uma ideia de exploração do corpo da mulher como propriedade privada e meio de exploração a partir de suas atividades cotidianas.

O corpo é para as mulheres o que a fábrica é para os homens trabalhadores assalariados: o principal terreno de sua exploração e resistência, na medida em que o corpo feminino foi apropriado pelo Estado e pelos homens, forçado a funcionar como um meio para a reprodução e a acumulação do trabalho. (FEDERICI, 2017, p.34)

Essa condição é matéria cotidiana de muitas mulheres, que convivem com essas desvalorizações, opressões, e apropriações da sua força de trabalho, sendo um grande desafio para exercerem as profissões e ambições que decidiram para suas vidas. E como diz Silvie, se o corpo tem sido historicamente um lugar de exploração, também é nele latente o lugar de resistência. Assim, um dos pontos chaves de reflexão provocados pelo livro é ressaltar a existência de "uma política do corpo", que se nega a identificar o corpo da mulher como uma propriedade privada.

E é nesse sentido que trago para essa conversa algumas iniciativas de trabalhos artísticos e de pesquisa, que estão mapeados no Acervo RecorDança, como espaços estético-políticos, de resistência, feitos por mulheres do contexto da dança em Pernambuco. Trabalhos que, por um lado, denunciam a exploração do gênero e, por outro, reativam uma potência de resistência a partir da criação artística.

### **Ações artísticas, políticas do corpo**

Esse ensaio está sendo elaborado dentro de um projeto de Manutenção do Acervo RecorDança, em que a equipe de pesquisadoras nos provocamos a trazer uma discussão sobre uma ação artística da atualidade, que de alguma maneira nos tocou, e articular com registros históricos que já compõem o Acervo RecorDança.

Então, trago como ponto de partida para esse ensaio, as criações desenvolvidas pela residência “Artista mãe ou mãe artista?”, idealizada pela bailarina pernambucana Iara Sales. A residência foi realizada em formato remoto, durante o período pandêmico, reunindo mulheres artistas de diferentes localidades do Brasil, e tendo a maternagem e o trabalho como eixo central de provocação para as participantes.

Ser mãe ou ser artista? Houve um tempo em que era necessário escolher entre ser uma das duas coisas. Ao acolher a maternagem e seu tempo próprio, seus processos, suas dores e suas delícias, nasce a artista-mãe. Nasce também o corpo-mãe e toda a complexidade física, psíquica e social do tornar-se mãe.

A residência artística remota para mães artistas da dança nasceu dessa potência e transbordou, amplificou em muitas linguagens artísticas. Nela, 18 mulheres de todas as regiões do país e duas assessoras-doulas se encontraram e se acolheram virtualmente nos meses de janeiro a abril de 2021, em plena pandemia do Covid-19. O resultado deste trabalho estará reunido aqui no site e entre outros mergulhos, a nossa exposição permanente Mãe-Artista ou Artista-Mãe?, na aba "CRIAS", que traz, através da arte, um olhar reflexivo de mães artistas tratando sobre suas maternagens, sem ter que escolher entre ser mãe ou ser artista. (trecho retirado do site <https://maeartistadanca.46graus.com/>)

O que me afetou fortemente nesse trabalho, liderado por Iara e realizado de maneira coletiva com as mulheres participantes, foi ver se materializando em criações artísticas muitas questões que sempre atravessaram conversas que tive com amigas, tias, avós, mãe. Ou seja, temas presentes em várias gerações de mulheres, e em geral compartilhados nos espaços íntimos de conversa. As produções artísticas da exposição (<https://maeartistadanca.46graus.com/crias/>) realizada pela residência trazem algumas pistas de como as subjetividades das mulheres, mães artistas lidam (ou não lidam) com um cotidiano tão exigente e sem apoio suficiente da comunidade que as cercam. E, assim, dando a ver publicamente histórias de exploração e resistência de diferentes mulheres.

Foram elaborados 18 trabalhos artísticos, chamados de CRIAS, organizados em imagens, em vídeo ou fotos, que por meio da linguagem da dança, da performance, da palhaçaria ou das artes visuais, retratam as angústias, anseios, afetos, das mulheres envolvidas na residência perpassando a realidade de serem artistas-mães. Pude identificar alguns temas que compuseram as CRIAS da exposição: a referência a ancestralidades femininas; a experiência da gravidez e do parto; os processos de renascimento e transformações pessoais; os estados de exaustão e vulnerabilidade de ser mãe; a dedicação exclusiva das mulheres ao campo do cuidado, as lutas políticas e cotidianas.

Instituir um espaço de acolhimento e de valorização da atuação em rede foram os modos que a residência “Artista mãe e mãe artista” estabeleceu em sua realização. Permitindo que Doulas pudessem ajudar na criação das mulheres, oferecendo esse apoio e incentivo a um espaço próprio de criação. E a fortalecimento da rede de mulheres que permanece em contato, a distância, num desejo de se apoiarem nas criações, nas conversas, etc.... (trecho retirado do site <https://maeartistadanca.46graus.com/>)

Percebo que uma das forças desse projeto é justamente o gesto coletivo, a provocação para uma atuação em rede, a criação de uma comunidade. Uma das questões mais presentes nos discursos das mulheres é o sentido de solidão e sobrecarga sobre a quantidade de papéis que exercem na sociedade: ser profissional, mãe, filha, avó, amante, cuidadora da casa, ser o suporte emocional dos familiares. O sentimento de não terem apoio da comunidade para as várias frentes de cuidado que exercem é recorrente nas rodas de conversas de mulheres. Então esse espaço coletivo de compartilhamento e cooperação, que oferece apoio para as fragilidades e impulsiona as potencialidades de cada uma, tem sido uma ação efetiva de resistência de gênero.

### **Cooperação: co-criação de mundos**

A cooperação é um modo de atuação que oferece resistência a um pensamento de competição e exploração que o capitalismo patriarcal colonial instituiu. A partir do estabelecimento de redes coletivas de atuação, pautadas na valorização das singularidades, e não na homogeneização ou normatização de existências, é possível construir um sentimento de comunidade, de convivência, de troca mútua, diminuindo as relações de opressões.

O objetivo da comunidade é assegurar que cada um seja ouvido e consiga contribuir com os seus dons que trouxe ao mundo, da forma apropriada. Sem essa doação a comunidade morre. E sem a comunidade o indivíduo fica sem espaço para contribuir. A comunidade é uma base no qual as pessoas vão compartilhar seus dons e receber as dádivas dos outros. (SOMÉ, 2007, p.35)

Esse entendimento de comunidade que traz a professora e autora de Burkina Faso, Sobonfu Somé, apresenta 'a partilha' como gesto ético e político de construção do comum. E o que faz uma criação artística? Compreendo que a arte convoca uma experiência, que envolve mais de uma pessoa, na partilha de questões, sensações, afetos, percepções. É um espaço de relação entre mundos que se encontram. O que emerge dessa relação pode variar, indo desde indiferença, conflito, identificação ou, até mesmo, transformação. O encontro é sempre o que acontece na experiência provocada pela arte.

Assim, convido a quem está lendo essa escrita a encontrar com obras, entrevistas, textos que compõem o Acervo do RecorDança, e que tiveram como ponto de reflexão questões trazidas por artistas mulheres e perceber as 'políticas de corpo' provocadas por elas:

### **Histórias ao Pé do Ouvido 3 - Narrativas femininas**

A primeira proposta de encontro que trago aqui é com a terceira temporada do podcast Histórias ao Pé do Ouvido - HPO, realizada pelo Acervo RecorDança, em 2020, no primeiro ano da pandemia. Esta edição teve como desejo fazer circular narrativas de artistas mulheres atuantes em Pernambuco sobre o labor da dança a partir de uma perspectiva de gênero. O projeto realizou um grupo de estudos que durou três meses, acontecendo em formato remoto, reunindo cerca de 20 mulheres. Ao final do projeto foram publicados 5 podcasts, com entrevistas e depoimentos de 20 artistas atuantes em Pernambuco, foram realizadas 4 lives no instagram do acervo e elaborado um ensaio com escrita coletiva com as participantes do projeto.

O material publicado por este projeto está disponível em: <https://acervorecordanca.com/portfolio/historias-ao-pe-do-ouvido-iii/>

### **Mulheres Notáveis: despertando olhares para a contribuição das mulheres na dança afro do Recife.**

Outro encontro que indico é com o artigo *Mulheres Notáveis: despertando olhares para a contribuição das mulheres na dança afro do Recife*, escrito pela pesquisadora Daniela Santos, em 2016, publicado no livro *Acordes e Traçados Historiográficos: a dança no Recife*, realizado pelo Acervo Recordança, Associação Reviva e Editora UFPE. Nesse artigo Daniela Santos evidencia a importância das mulheres na participação de construção, gestão e criação de grupos afro do Recife. Ela aponta que, em geral, os mestres dos grupos tiveram visibilidade na sociedade quando, na verdade, dividiram as responsabilidades dos grupos junto com suas mulheres companheiras. Assim, Dani Santos evidencia as trajetórias e contribuições de Vilma Carijós (Daruê Malungo), Antonia Batista (Bacnaré) e Glória Maria

(Majê Molê) para a Dança Afro de Pernambuco. A escrita desse artigo está atrelado a pesquisa Mapeando o Entrelugar da Dança Popular que em 2014 realizou entrevistas em vídeo com Antonia Batista, do Bacnaré; Glória Maria e Angélica Lins do Majê Molê. Nessas entrevistas é possível conhecer a atuação dessas mulheres na dança do Recife.

E as entrevistas estão disponíveis em:

<https://acervorecordanca.com/portfolio/antonia-batista-ferreira-2/>

<https://acervorecordanca.com/portfolio/gloria-maria-da-silva-gomes/>

<https://acervorecordanca.com/portfolio/angelica-lins/>

## **Objeto Mulher**

O último convite desse texto é para encontrar a performance *Objeto Mulher*, criada em 2004 pela artista Valéria Vicente, e realizada dentro do projeto *Visões Contemporâneas do Recife*. Esta ação, produzida por Adriana Gehres, visava a criação de obras de dança produzidas especialmente para espaços públicos do Recife. A performance Objeto Mulher foi uma das propostas emergidas desse projeto e teve a Rua da Imperatriz como espaço escolhido, pela sua referência como centro de vendas do Recife. Valéria, em sua criação, realçou a sensação que sentia enquanto mulher negra quando ouvia recorrentes assédios e assobios ao atravessar esse local da cidade.

As fotos desta performance estão em posse do acervo RecorDança, aguardando o momento favorável para sua disponibilização no site, que acontecerá em breve. Por enquanto, fica a provocação causada pela proposta.

## **O que senti a cada encontro**

Vou aqui mapear as sensações e questões que emergiram em mim no encontro com cada uma dessas ações aqui indicadas.

Meu encontro com **Objeto Mulher**, que experienciei ao vivo na Rua da Imperatriz, no ano de 2005, como espectadora, foi um despertar. Um momento que compreendi como eu me incomodava com as intervenções de falas de outros homens sobre meu corpo. Falas que acompanharam toda minha vida e acabei naturalizando e me acostumando. Era algo tão cotidiano que aprendi a conviver. Esse trabalho artístico me deixou atenta sobre não aceitar esse gesto violento como algo que eu precisaria conviver.

Meu encontro com **Mulheres Notáveis: despertando olhares para a contribuição das mulheres na dança afro do Recife** aconteceu em 2016, enquanto pesquisadora do projeto Mapeando o Entrelugar da Dança Popular. E ao ler esse texto de Daniela Santos, senti desconforto pois até então, percebi que eu repetia o gesto de visibilizar a trajetória de alguns mestres sem atentar para a importância do papel das mulheres ao seu redor. Senti culpa, de início. E em seguida passei a reparar, ir em busca de contar também a história de várias mulheres que não tinham protagonismo nas memórias das danças de Pernambuco.

Por último, meu encontro com **Histórias ao Pé do Ouvido 3 - Narrativas femininas** foi em 2020, como pesquisadora participante do projeto. E foi um momento de reparação, escuta, acolhimento, da história de várias mulheres e as minhas próprias. Compreendi que muitas vezes minimizei as violências que as questões de gênero causaram em mim e em tantas outras que me rodeavam. O grupo de estudos foi um importante espaço de compartilhamento de dúvidas, dores, angústias, cumplicidades, choros, reconhecimentos, reparações, reinvenções. E poder criar contornos para que as histórias de mais de 25 mulheres pudessem ser reveladas ao longo das entrevistas publicadas nos 5 podcasts do projeto e nas 4 lives do instagram, me trouxe um sentimento de transformação profunda. Desde então, minha escuta sobre as histórias, sejam de mulheres ou muitas outras pessoas e seres que são desvalorizados pela sociedade, é ativa e artista. Uma escuta que faz meu corpo vibrar em gestos de transformação de tudo que está, para que se possa ampliar espaço para tantas existências na dança.

### **Políticas do Comum**

Ao refletir sobre todos esses encontros e movimentos reverberados a partir deles, compreendo, hoje, o quanto contribuíram para o entendimento de que muitas questões que eu considerava que eram pessoais, na realidade fazem parte de 'um comum' entre mulheres. Existe uma sociedade com gestos patriarcais e opressores que atravessam nossas subjetividades. Essas questões não revelam apenas histórias pontuais e de identificação pessoal, e sim uma 'política de corpo' atuante, como aponta Silvie Frederici.

E o que os projetos *Histórias ao Pé do Ouvido 3 - Narrativas Femininas na Dança* e o *Artista mãe ou mãe artista?* nos apresentam em seus modos de realização é afirmar a 'política do comum', a experiência de comunidade, como uma experiência que repara e reinventa a condição das mulheres na sociedade patriarcal colonialista e capitalista. Propor um espaço coletivo de partilhas e criação, garantindo que as singularidades de cada pessoa possa ser legitimada. É um modos de não se render ao que nos homogeneiza e nos desvaloriza

enquanto experiência singular, e sim nos coloca num lugar de cooperação e potência de existências.

### **Referências**

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**. Mulheres, corpo e acumulação primitiva. Trad. de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da intimidade**: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar. Ed: Coysseus, 2007.